# Na pupa de uma *trans*formação:

# a dança-simbólica da escritora borboleta

## Ana Claudia Moraes de Carvalho

UFPA – [aninhamoraesatriz@gmail.com](mailto:aninhamoraesatriz@gmail.com)

## Giselle Guilhon Antunes Camargo

UFPA – [giguilhon@yahoo.com.br](mailto:giguilhon@yahoo.com.br)

(orientadora)

**Resumo**: No simbolismo de casulos, pupas, vaginas, vulvas, borboletas, e sob a imagem poética da *vulgaborboleta*, escrevo uma tese que se transforma a partir do que vivo na experiência da pesquisa, na compreensão do que Aschieri chama de conhecimento encarnado, “como entrecruzamento de valores e sentidos sociais, culturais e políticos” (2018: 85). Conhecimento construído por *relações imaginais* (imagens marginais), que encontro nas *encruzilhadas-desviantes* do Terreiro de Dona Rosinha Malandra em Icoaraci/Pa. Na investigação da espetacularidade do *corpo-cavalo-travestido* de uma Mãe-de-Santo, também em *trans*+formação, autorreconhecendo-se como mulher transfeminina. Filha de Oyá, borboleta-maior, Mãe Rosa Luyara recebe Dona Rosinha, entidade malandra da Linha de Esquerda umbandista. E nesses reflexos imagéticos da pesquisa, dilatados de simbolismos, tenho minha imagem craquelada/espelho estilhaçado, no percurso do autoconhecimento. Nestas *Alquimias Rituais do Aqui e Agora* – pensamento político de Dona Rosinha Malandra, uma trilogia composta por entidade, *corpo-cavalo-travestido* e *corpo-encostado*, constrói um conhecimento vivido essencialmente pela troca: de palavras, silêncios, sentidos e corpos.

**Palavras-chave**: Vulgaborboleta. Transformação borboletária. Encruzilhadas-desviantes. Corpo-cavalo-travestido. Corpo-encostado.

**In The Pupa of a Transformation – The Symbolic Dance of Butterfly Writer**

**Abstract**: In the symbolism of cocoons, pupae, vaginas, vulvas, butterflies, and under the poetic image of the vulgaborboleta, I write a thesis that is transformed from what I live in the research experience, in the understanding of what Aschieri calls incarnated knowledge, “as intertwining of social, cultural and political values ​​and meanings” (2018: 85). Knowledge built by imaginal relations (marginal images), which I find at the crossroads-deviants of the Terreiro de Dona Rosinha Malandra in Icoaraci / Pa. In the investigation of the spectacularity of the body-horse-dressed of a Mãe-de-Santo, also in trans + training, recognizing herself as a transfeminine woman. Daughter of Oyá, greater butterfly, Mother Rosa Luyara receives Dona Rosinha, a rogue entity from the Umbandista Left Line. And in these imagetic reflexes of the research, expanded by symbolism, I have my image cracked / shattered mirror, in the path of self-knowledge. In these Ritual Alchemy of the Here and Now - political thought of Dona Rosinha Malandra, a trilogy composed of entity, body-horse-dressed and body-leaning, builds a knowledge lived essentially by the exchange: of words, silences, senses and bodies.

**Keywords:** Vulgaborboleta. Butterfly transformation. Deviant crossroads. Body-horse-dressed. Body-leaning.

**1. Introdução**

Pupa, vulvas, casulos como casas-cosmos, reconfiguram minha estada nas encruzilhadas de afeto. Devaneio na liberdade do pensamento epistemológico em relações imaginais, marginais, vaginais. Uma *vulgaborboleta* voa sinuosamente por estas linhas trazendo autorreflexão, espelhos craquelados e o desenvolvimento da escritora borboleta.

A chegada a esse lugar, em trânsito, chamado Umbanda, na especificidade do terreiro de Dona Rosinha Malandra, durante a pesquisa de doutorado iniciada em 2016, abre uma fresta memorial em uma pupa, período transitório da transformação metamorfósica de uma borboleta. Não qualquer pupa borboletária, mas a minha. A primeira pupa de que tenho memória foi construída em minha infância católica, costurada por dicotomias que reverberam em mim até hoje: céu-inferno; graça-pecado; Deus-Diabo; bem-mal. Pupa familiar/católica que me trazia certo sofrimento. Segui nela, inerte, por um longo período.

Minha pupa borboletária morre e renasce constantemente, em níveis diferenciados de *trans*formações. A sensação pupária é uterina, quente e latente, que tem como princípio da natureza, formar um outro ser. Quando conheci, no Mestrado (2012-2014), a comunidade do Candomblé-Ketu da Casa Yle Ase Oba Okuta Ayra Yntile de Pai Luciano, morri de forma conflituosa na pupa católica, havia uma perturbação em minha alma que brigava por uma ânsia de liberdade. E para além de meu Deus, meus anjos e santos católicos, os Orixás tomaram conta da minha cabeça. Yemanjá, Xangô e Yansã são os donos de meu *ori*[[1]](#footnote-1). Diferente de uma borboleta comum, sou uma borboleta que tem a capacidade de se refazer quantas vezes este plano espiritual permitir.

A morte da pupa católica foi dolorosa, dói morrer em você suas certezas, mesmo que elas não sejam tão suas. A mudança nos causa medos e inseguranças. Comigo não foi diferente. Lembro de minha recente chegada ao terreiro de Candomblé, sentia uma mistura de receios e euforia. Lembro, também, que pedia permissão aos meus santos para entrar nos espaços dos terreiros que começava a conhecer. A sensação de estar fazendo algo errado era enorme.

Iniciado o recolhimento[[2]](#footnote-2) na pupa borboletária para a morte, com a pesquisa sobre a Iniciação ao Candomblé Ketu, comecei, uma trajetória de mudanças em minha história pessoal e na pesquisa acadêmica em artes cênicas. A *trans*formação borboletária admitiu seu processo transitório à medida que me envolvi nos estudos sobre o Candomblé e, visualizei, pela primeira vez, um azul na imensidão, para além de minha cápsula, que me despertou desejo de liberdade.

**2. Escritora Borboleta**

Acredito que tanto eu, pesquisadora, reprimida em uma pupa cultural-religiosa, quanto o fenômeno que estudo na pessoa da travesti Rosa Luyara, reprimida por uma condição sociocultural, ansiamos por liberdade, sempre. A *trans*formação borboletária é sempre transitória, está sempre de passagem, é caminhante, está sempre na perspectiva do vento, o vento não para, o vento circula, o vento tem mudanças de humor, às vezes leve, brisa, às vezes, forte, tempestade, mas sempre trânsito. A *trans*formação borboletária caminha na encruza, segue vários caminhos. “O mundo deve voar. Há tantos seres que vivem de voar, que o vôo é seguramente o mais próximo destino do mundo sublimado” (BACHELARD, 1988: 200).

Como já mencionado, apresento novamente, a importância do fato de Mãe Rosa Luyara ser uma travesti e isso ter mudado, num movimento de vento forte, o propósito dessa pesquisa. Nada é por acaso, nada está solto, e este cruzamento *trans*formado na construção epistemológica da pesquisa, neste sentido, não está desvencilhado. Quando vejo mãe Rosa Luyara, a vejo travesti, quando vejo, mãe Rosa Luyara, no *corpo-cavalo* de Dona Rosinha Malandra, a vejo mulher. É uma questão de busca! Busca do outro? Busca de si? Depois dessa compreensão, do feminino em um só corpo, do feminino em um *corpo-cavalo*, me perguntei: qual é a minha busca? Minha busca que, no início, era sobre um corpo na Umbanda, se ampliou, se alargou, como um útero fértil. Falar do feminino como algo exclusivo da mulher, não cabe mais na sociedade contemporânea. O feminino encontra-se dentro, é profundo. Não se define por órgãos genitais. Está para além disso. Abaixo, a imagem da *vulgaborboleta*, representação imagética da metodologia borboletária:



**Figura 1:** Vulgaborboleta, a epifania da *trans*formação. Ilustração: Cláudia Palheta.

Uma imagem vulgaborboleta, apesar da referência à vulva, não liga, nesta compreensão, à mulher, mas a um portal de fertilidade, ao feminino, a um canal que interliga à pupa, ao corpo. Canal de passagem, do prazer, do transcender. A vulgaborboleta traz a delicadeza e o desabrochar dessa pesquisa. Uma flor, uma Rosa. Além disso, a vulgaborboleta apresenta lábios, lábios que falam, se expressam, que estão sedentos por espaço, por liberdade. Esta imagem também traz a ideia de intimidade, de troca íntima, causando em mim, êxtase. Vulgaborboleta se refere ao povo, à rua boêmia, aos poetas e ao feminino como força motriz desse estudo.

A Umbanda da Casa de Mãe Rosa, é um espaço essencialmente amazônico, o fato de estar na região amazônica revela peculiaridades próprias do lugar. A imaginação simbólica da energia cósmica que vem da floresta cabocla, reorganiza seus mitos e seus rituais, garantindo o que conceituo de Umbanda Amazônica. Simbolismo encontrado nos corpos amazônicos que conduzem a casa. Corpo constituído de falas, sensibilidades, pensamentos e organização íntima de um povo que respira a umidade do ar.

Na Amazônia, o imaginário, espécie de *sfumatto* poetizando a relação cultural entre o homem e a natureza, entre o real e o surreal, instaura e configura essa zona indistinta de devaneio, esfumado crepuscular sombreando o espaço de *poiesis* entre a realidade e a imaginação. Trata-se de um fator cultural que estabelece imprecisa separação entre as partes constitutivas da realidade e o imaginário, semelhante ao que acontece no encontro das águas de cores diferentes de alguns rios amazônicos (LOUREIRO, 2008: 01).

Assim como devaneado pelo poeta, a imaginação simbólica da Amazônia inspira imagens. Imagens de uma poética umbandista amazônica que circula entre vários panteões. Imagens cíclicas cujo corpos apresentam diversas representações espirituais, assimilando, de forma coletiva, a influência da energia cósmica amazônica. Mas a Amazônia sofreu profunda influência colonizadora, o que fez que sua grande maioria populacional fosse moldada pelas doutrinas cristãs impostas a partir do genocídio de sua gente violentamente dominada.

Como fruto dessa história, de amarga colonização no mundo, e especialmente, em nossa região, não escapei de receber, de forma enraizante, os ensinamentos católicos colonizadores, fazendo eu tecer em meu corpo-eu um casulo bem “estruturado” de dogmas nunca antes questionados por mim. O poder do dogmatismo advindo da dominação colonial é tão intenso em nossa consciência que até hoje sofro consequências dessa forma-ação destruidora de cogitos culturais. A libertação veio com o conhecimento de que sou filha (de meu pai biológico, *in memoriam*), de um cavalo de Pena Verde, entidade indígena-cabocla da Umbanda, essa informação abriu uma fresta de possibilidades em meu casulo, ainda muito bem organizado neste período pupário-católico. Essa ancestralidade a mim foi negada por quase quatro décadas da minha vida, com a revelação de meu irmão mais velho a descubro de forma impactante, mudando todo o rumo de minha vida e desse estudo sobre um *corpo-cavalo* umbandista. É uma questão de pertencimento de algo que está dentro de nós, mas não tem representatividade porque é esmagada por doutrinas dominantes, criando demônios, muitos.

O fato é que essa informação veio como um segredo e, logo após meu conhecimento, meu pai desencarnou para outro plano espiritual. Ele não frequentava mais a Umbanda fazia muitos anos. Nem o motivo de sua ausência na religião pude saber, mas seu legado foi passado para nós. “Com razão foi dito: onde estiver teu segredo, estará também teu coração” (NIETZSCHE, 2013: 17), o movimento da vida caminha por encruzilhadas muitas vezes não compreendidas por nós, mas ele chega, o movimento circular espiralado da vida chega. Chegou até mim. O segredo revelado sobre uma espiritualidade umbandista representa uma riqueza cultural negada, por ser, na perspectiva colonizadora, uma herança do mal. Assim me ensinaram, assim pintaram diversos monstros sobre outras manifestações existentes que não fossem cristãs.

Mas meu coração está onde se encontra meu segredo, ele, o segredo, craquelou minha imagem no espelho. Eu tinha uma imagem construída durante anos, depois do segredo minha imagem não refletiu mais nitidez, minha consciência girou e a lagarta em minha pupa estremeceu freneticamente, nervosa. O craquelado do espelho imagético deixou falhas, percebi que faltavam pedaços de minha história, pedaços insubstituíveis de vida. “A grande mentira reina absoluta na sociedade *estabelecida* [...]. No entanto, a conspiração do silêncio não é mais tão hermética quanto vinha sendo até agora” (MAFFESOLI, 2012: 4), o silêncio do segredo não permitia a verdade, minha pupa transitória no casulo era como a Caverna de Platão, a princípio, tudo arrumado, um lindo espelho refletia minha imagem de moça comportada cristã. O espelho quebrou, craquelou. Foi perturbador, instigador, mágico.

A conspiração do silêncio, como diz Maffesoli, já não é tão hermética. Agora nos vemos; agora ousamos garantir representatividade; podemos quebrar os espelhos. Agora falamos de feminismo, transgêneros, macumba. Uns falam de modismo, eu chamo de libertação. A perturbação, com meu espelho quebrado, deu lugar a devaneios, a novas epistemologias, a descobertas, a vislumbres, a novos corpos, inquietudes. A quebra dos silêncios representa o tempo que retorna na pós-modernidade, na Umbanda dizemos que é a justiça de Xangô, a lei do retorno.

Posso contar-lhes o segredo da pós-modernidade? Qui potest capire capiat, que compreenda aquele que puder compreender: a concepção cíclica do mundo, fundamento do paganismo e que o monoteísmo semítico se pôs a evacuar, tende a retomar força e vigor (MAFFESOLI, 2012: 10).

Compreendo a concepção cíclica do mundo como compreendo que no mundo ancestral umbandista é preciso girar, o giro conecta você a sua espiritualidade. No início sentia medo [muito medo], mas é algo que me embriaga, me mundia[[3]](#footnote-3), o giro garante a conexão, me retira da órbita estrutural do cotidiano, o giro representa um movimento espiralado, nele o corpo fica visivelmente entregue a oportunidades mágicas. Saio das giras totalmente mundiada. Por elas chego ao *sagrado fundante* (STEIL, 1994), um misto de consciência e delírio, de entrega, o medo aos poucos dá lugar a outros sentimentos, agora já me sinto mais confortável, acolhida. Digo que apesar da negação desse espaço sagrado em minha vida, chego no terreiro como parente, sim, parente na concepção indígena, de grupo, de etnia. Me sinto chegando em casa de parentes que agora ganho intimidade. “O lugar cria laços” (MAFFESOLI, 2012: 07), mas é necessário viver, viver a dinâmica da casa, estar junto.

Ainda na perspectiva maffesoliana, criar elos significa concretizar esses laços. Na contemporaneidade, que se funda na força da coletividade, criar laços significa *crescer com.* Quero aqui registrar que cresço a cada contato com a comunidade a qual me insiro nessa pesquisa. É pela irmandade que os trabalhos são validados na religião umbandista, somente pela força coletiva. A Umbanda traz a brasilidade em seu espaço, mistura amalgamada de um lugar simples, caseiro e feliz. As giras são momentos de esperança, a esperança encontrada na alma do povo brasileiro, a mesma que encontramos nas comunidades culturais e festivas de um Brasil esquecido pela mídia, pelas políticas públicas, por seus governantes. A mesma esperança desse povo simples, encontro nas giras da Umbanda de um povo simples também.

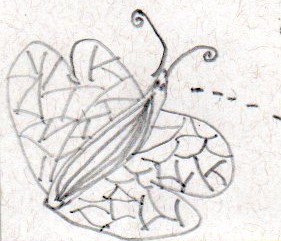
Esse sentimento ressignificou meu espelho craquelado, desenvolvendo nesta metodologia de pesquisa uma visão mosaical. O craquelar do espelho perdeu estilhaços fundantes para a compreensão de minha história, virou um mosaico. Eu, pesquisadora de Ritos Espetaculares, necessito montar um mosaico ancestral para aprofundar a relação epistemológica, para construir o saber-poder de outra forma. Na estética borboletária de si, as asas da borboleta formam um lindo mosaico, uma borboleta que almeja o azul. Com pedaços de ancestralidade preciso montar o mosaico, trabalho minucioso de artesã que compreende onde colocar cada pedaço a fim de que haja harmoniosa visualidade. O mosaico demanda de uma certa habilidade, de intuição, de percepção. Não se monta de qualquer jeito, há uma combinação como o segredo de um cofre.

A Umbanda também se estrutura em um mosaico cósmico, consegue harmonia em sete linhas de diferentes energias, sem elas não se pode pensar em Umbanda. São estruturas independentes, mas não fazem sentido sozinhas, o conjunto as define melhor, o desenho de um mosaico só pode ser visualizado neste conjunto; separado, são só estilhaços. O início da construção do mosaico aconteceu com minha morte na pupa, no instante da revelação do segredo. O conhecimento é luz, saber que sou filha de um cavalo de Pena Verde fez com que eu tivesse uma morte inusitada para o autoconhecimento, consciência capaz de dizer sim a si mesma.

Conhecer com orgulho o extraordinário privilégio da responsabilidade, ter consciência dessa liberdade rara, desse poder sobre si e sobre o destino, aí está quem penetrou até as profundezas últimas de sua pessoa e que tornou instinto, instinto dominante – que nome lhe dará a este instinto dominante, suponho que sinta a necessidade de conferir-lhe um nome? Isso não oferece dúvida nenhuma: esse homem soberano o chamará de sua consciência.... Sua consciência?... Compreende-se de antemão que o conceito de “consciência”, que aqui encontramos sob sua configuração mais elevada, quase insólita, já tenha atrás de si uma longa história e mutação de formas. Responder por si mesmo e responder com orgulho e, portanto, ter o direito de dizer sim a si mesmo [...] (NIETZSCHE, 2013: 90).

A morte é um mergulho nas profundezas da alma; mergulho na liberdade consciente; consciência antes ausente, brutalmente retirada de nós pela colonização. Morte para vida no artesanato das asas da borboleta. Colho partes na construção de um todo, na perspectiva interdependente do todo com a parte e da parte com o todo. A *visão mosaical* se constrói na noção de alteridade da Etnocenologia e mais profundamente, de minha história de vida enquanto descendente de um *corpo-cavalo* de Pena Verde. Assim como meu pai, a pesquisa na Umbanda faz parte da minha essência, parte e todo de mim.

A *visão mosaical* enquanto estrutura teórico-metodológica no período pupário da pesquisa em Etnocenologia, se conecta à proposta *método-gráfica-caleidoscópica* (PALHETA, 2015)*,* garantindo a autonomia da pesquisadora etnocenológica na criação de suas próprias propostas metodológicas, a partir de suas vivências no fenômeno. Palheta, com sua proposta *método-gráfica-caleidoscópica*, traz à discussão novas possibilidades de pesquisa e processos epistemológicos a partir das reverberações emitidas pelo estudo do fenômeno etnocenológico. Pela *visão mosaical* e sua relação entre parte-todo-parte também reorganizo minhas identificações pessoais enquanto empoderamentos antropológicos. Abaixo, a vulgaborboleta craquela e ganha asas de mosaico antropológico:



**Figura 2:** Vulgaborboleta e suas asas mosaicas. Ilustração: Aninha Moraes.

A primeira peça para montar esse mosaico são as identificações que construo a partir da imagem que fui formando com os estilhaços do espelho. É cada vez mais claro o meu reconhecimento enquanto pessoa amazônica que traz uma ancestralidade afro-indígena-cabocla dentro de si. São identificações que, conjuntamente com o imaginário que me circunda, lançam novas projeções imagéticas para a ampliação desse mosaico, criando, assim, novas mitologias cósmicas. “Há uma espontânea visão do cosmo e sua grande metáfora é o mito. Ou a alegoria. […] O cosmo é a revelação do divino, mas não necessariamente de um Deus. Pode dizer que ali o homem também cria seus deuses” (LOUREIRO, 2008: 5-6). Assim, as culturas, os povos vão se reinventando, eu também me reinvento.

O mosaico faz com que eu atribua um conteúdo de essencial importância etnocenológica – o afeto. Sigo na pesquisa, em que meu corpo de pesquisadora se encontra inteiro, cinestésico, uma linha de pensamento que justifica e alimenta o desenvolvimento do trabalho, junto ao fenômeno, partindo do nosso trajeto - imagem, história, identificações, ancestralidade – na produção de um projeto, para se chegar, ao que inicialmente chamamos de objeto, agora fenômeno. Meu trajeto enquanto pesquisadora já admitia caminhos que me levavam ao afeto que adensei com o desenvolvimento do projeto; mas é na entrega e na intimidade com o fenômeno estudado que essa afetividade se efetiva.

Como aspectos relevantes a serem considerados nesses processos criativos das pesquisas aqui analisados, sobressai de maneira especial o afeto enquanto substância fundante para o resultado qualitativo e original dessas travessias na construção do pensamento e da teoria etnocenológica. Afeto enquanto amálgama da energia do corpo pesquisante no envolvimento com o objeto e fenômeno de pesquisa, seus sujeitos, seu contexto e suas relações humanas. Afeto comungado, somado, dividido e multiplicado como dimensão criativa, operativa e espiritualizada para a pesquisa em artes cênicas brasileiras a partir da Amazônia (SANTA BRIGIDA, 2015: 23).

Esse desenho epistemológico consegue estimular diversas formas de pensar a pesquisa, na qual o corpo tem lugar imprescindível, já que é por ele que a pesquisadora adere ao que vive, ao que sente, dando fulcro para sua transformação borboletária. Para Santa Brigida, é pela comunhão afetiva do pesquisador com seu fenômeno que se multiplica as reverberações produtivas das relações sociais a partir da pesquisa alicerçada pelo corpo. Numa *sensibilidade orgânica* (MAFFESOLI, 1998), que apetece a uma ambiência erótica no sentido de implicações, correspondências, traduzindo isso a uma visão orgânica do mundo.

Existe um provérbio cigano que diz: “ver é transpor as barreiras da carne”. Nesse estudo dentro da cosmologia umbandista amazônica, em que a visão transcorre para muito além da ocular, ver está para além da carne, mas é pela carne, na presença do corpo, que as leituras são feitas. Um processo osmótico em que tudo se relaciona na percepção do ambiente e das pessoas. Cores, cheiros, sons de tambores e gritos de pombagiras, são simbologias que fazem com que a visão umbandista seja holística, inteira. “A osmose afetiva permite, nesse sentido, melhor perceber a vivência social e a complexidade da vida cotidiana que é amplamente atravessada pelo afeto” (MAFFESOLI, 1998: 138), que aqui amplio, também, para a complexidade da vida extracotidiana, seus ritos, suas festas, suas espetacularidades.

Atravessada pelo afeto, construo, lentamente, a partir da visão mosaical, uma nova imagem de mim. O segredo proporciona uma morte doce para um processo pupário que precisa de repouso, tempo de ócio para produzir. O *sono da crisálida* (DURAND, 1989), período necessário para a autorreflexão, para o autorreconhecimento que se adensa na convivência comunitária das giras umbandistas. Há um fortalecimento, da parte-todo-parte, que compõe as asas da borboleta. “A múmia, tal como a crisálida, é ao mesmo tempo túmulo e berço das promessas de sobrevivência” (DURAND, 1989: 164), e o desejo de sobreviver e prosperar, impulsionam meu corpo para dentro de meus pensamentos; epistemologias desviantes em busca de um enriquecimento ancestral e artístico.

Tal como a *invaginação* de Maffesoli (2012) – a lógica do regresso; pupulo uma *relação imaginal*, inspiração maffesoliana na aspiração de uma imagem com temperatura vaginal, terminações nervosas sensíveis, desejosa de estímulos, desejosa para existir; desejo *trans*, *trans*-forma-ação vaginal, imaginal. O *corpo-cavalo* de Rosa Luyara é uma relação imaginal que se transforma, que deseja o *sono da crisálida* na modificação de seu corpo e de sua imagem, morte borboletária *trans* para o céu azul.

Rosa Luyara, assim como eu, também se vê em um espelho craquelado, sua imagem apresenta um reflexo distorcido, anseio por autorreconhecimento. O autorreconhecimento demonstra dureza, demanda de luta diária, demanda de enfretamento social. “O profundo espelho sombrio está no fundo do homem” (DURAND, 1989: 145), ele, o espelho sombrio, pode estar dentro de nós, desde uma desestrutura psicológica, num “faltar de chão”, quando suas certezas são questionadas, ou das angústias de uma pessoa *trans*, ou ainda, da crueldade instalada na sociedade; o espelho sombrio é o abismo do preconceito, da intolerância, do ódio de pessoas contra pessoas. Por isso, a grandeza desse estudo que acredita na força coletiva de caráter inclusivo-representativo no espaço sagrado.

O Etno-método-afetivo que é a maneira de olhar a pesquisa para a construção do mosaico das asas da borboleta, está atrelado, imbricado ao afeto e seus atravessamentos na vivência dessa comunidade, diversa e aberta, do terreiro de Dona Rosinha Malandra. O segredo revelado, não no último capítulo do romance de minha vida, mas no transcorrer dela, garantiu um fulcro estimulador, motivador para a abrangência das ideias e novas epistemologias. A combinação minuciosa das peças do mosaico, só está sendo possível, pela alteridade, que faz com que eu, também me reflita nesse novo espelho imagético que construo na convivência com a comunidade da casa-pupa-borboleta dessa umbanda amazônica.

Na pesquisa devaneio livremente, não no sentido utópico, mas no sentido bachelardiano, da criação, da imaginação. O devaneio aqui cabe porque, assim como Rosa Luyara e Rosinha Malandra, é livre. O poético e o cósmico dançam e giram até chegarem ao êxtase – como Rosa e Rosinha Malandra. O devaneio aqui sonha, porque fala especialmente sobre três mulheres, eu e elas, três femininos, três *anima.* “O devaneio está sob o signo da *anima.* Quando o devaneio é realmente profundo, o ente que vem sonhar em nós é a nossa *anima*” (BACHELARD, 1988: 59). A profundidade das coisas é feminina, a libertação da alma é, para Bachelard, impregnada de *anima*, o devaneio puro.

Todo esse pensamento é de um profundo recolhimento, no qual alma e espírito estão em mudança. Há um recolhimento para repensar as ideias, o aprendizado, a vida. Há um recolhimento para pensar, especialmente, o corpo. O corpo é um casulo, agora estou falando da “casa” da borboleta que guarda a *trans*formação. O corpo guarda segredos, cosmos, espetacularidade, arquétipos, entidades. O corpo de uma travesti em um ambiente sagrado, tem muito a nos dizer. O meu próprio corpo em transformação, a ser descoberto por mim, tem muito a me dizer.

Eu, escritora-borboleta almejo voar levada nos braços de Rosinha. “O devaneio aéreo é um sopro que projeta e amplifica o ser do sonhador” (FERREIRA, 2013: 25), mas o pouso da borboleta se faz na rosa, a borboleta é atraída pela cor e pelo perfume da flor.

**3. Considerações Finais**

A chegada nesta comunidade, matriciou-me o desejo latejante de adentrar nela e contribuir para o reconhecimento, pela escrita da pesquisa, pela produção do *corpo-cena*, de um movimento legítimo e libertário, na ampliação de espaços de discussões e visibilidade social de um grupo religioso excluído como a Umbanda. “A negação de uma parte da humanidade é sacrifical, na medida em que constitui a condição para a outra parte da humanidade se afirmar enquanto universal” (SANTOS, 2009: 31), a suposta universalidade de outra parte da humanidade, configurou, até hoje, na marginalização de grupos humanos como o da casa de Mãe Rosa Luyara, que se encontra em desvantagem, ainda maior, por sua condição *trans*exual e que transgride a própria ordem predisposta na religião quando se auto-organiza e constrói sua casa de Umbanda.

Todas as giras que fui, até este momento em que escrevo sobre elas, foram reveladoras, trouxeram algo inusitado, me revelaram segredos. Segredos encontrados no *instante.* Vivenciou quem ali esteve, em caso de ausência nunca viverá o mesmo instante.

Se perder para se encontrar, é assim que defino esta encruza que atravessei à margem de meus pensamentos, ensaísticos, na qual nenhum momento é igual ao outro, nenhum ritual é igual ao outro, fazendo com que eu atribua esses momentos a uma *Espetacularidade do Instante.* O momento, o tempo, a suspensão, a respiração, o envolvimento, o transe, a incorporação, o êxtase, *o Instante.* Sob diversos instantes me deparo nesta escrita borboletária. Pela *espetacularidade do instante* compreendo o outro, a outra, a outra no outro, a outra na outra, seus *corpos-cavalos*, suas vibrações.

A *espetacularidade do instante* realiza em meu corpo na pupa, um momento de puro êxtase, gozo vivencial. Minha larva estremece, lança um grito espantoso pelo prazer de estar ali, os momentos são únicos, extravagantes. Dão suporte para o instante da morte na pupa, doce morte. Morte e vida para novas percepções, morte e vida para novas epistemes, conhecimento epidérmico, o sentir na pele.

Referências:

ASCHIERI, Patricia. Hacia una etnografia encarnada: La corporalidad del etnógrafo/a como dato en la investigación. In: CAMARGO, Giselle Guilhon Antunes (org). *Antropologia da Dança IV.* Florianópolis: Insular, 2018.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Devaneio.* São Paulo: Martins Fontes, 1988.

DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário.* Lisboa: Editorial Presença, 1989.

FERREIRA, Agripina E. A. *Dicionário de Imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos Bachelardianos* [livro eletrônico]. Londrina: Eduel, 2013.

LOUREIRO, Paes. *A arte como encantaria da linguagem.* Belém: Editora Universitária/UFPA, 2008.

MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível.* Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MAFFESOLI, Michel. *O Tempo Retorna.* Formas elementares da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Genealogia da Moral.* São Paulo: Escala, 2013.

PALHETA, Cláudia. Etnocenologia, uma proposta método-gráfica-caleidoscópica. In: FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTES, 7., 2015, Belém-PA. *Anais...* Pele da Arte. Belém: PPGARTES/ICA/UFPA, 2015.

SANTA BRIGIDA, Miguel. A Etnocenologia na Amazônia: Trajetos-Projetos-Objetos-Afetos. *Repertório:* teatro & dança. Universidade Federal da Bahia. Escola de Teatro. Escola de Dança. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Ano 18, n. 25 (2015.2) – Salvador: UFBA/PPGAC. ISSN 1415-32-03, p. 13.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para Além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma Ecologia dos Saberes. In: *Epistemologia do Sul*. Org. Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses. Coimbra: Almedina, 2009.

STEIL, Carlos A. Para ler Gauchet. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, 16 (3): 24-49, 1994.

1. Palavra ioruba que significa cabeça. [↑](#footnote-ref-1)
2. Preceito religioso em que a pessoa fica em isolamento ritual de 7 a 21 dias no terreiro. O período de recolhimento pode variar, de acordo com o rito na qual está se preparando. [↑](#footnote-ref-2)
3. Termo popular amazônico que significa entorpecer, encantar, enfeitiçar, magnetizar. [↑](#footnote-ref-3)